

Ensaio Sobre a Cegueira: uma Metáfora da Linguagem e da Comunicação Hipertextual do Ciberespaçoⁱ

Juliana dos Santos Padilhaⁱⁱ

Resumo

O romance “Ensaio sobre a Cegueira” (1995), de José Saramago, propõe a desconstrução de uma cidade urbana e moderna a partir de uma epidemia de cegueira quase coletiva. Com uma trama sem referências de tempo e espaço e uma linguagem que mistura diferentes vozes à de um narrador, a obra pode ser uma metáfora de conceitos da comunicação interativa e coletiva do ciberespaço, os quais também podem apresentar as características de atemporalidade e polifonia. Este trabalho pretende apontar relações de semelhança entre o enredo e a linguagem da obra “Ensaio sobre a Cegueira” e a comunicação da Internet, representada pelos textos configurados em hipertexto ou por qualquer texto que represente um esforço de comunicação e pela construção de identidade individual e coletiva implicada neste processo. A metodologia utilizada é a análise comparativa entre a obra literária e os conceitos de comunicação no ciberespaço de Pierre Lévy, como a universalização da escrita, a desterritorialização do texto e o processo de leitura/escrita de hipertexto. Os resultados deste trabalho reafirmam a idéia inicial de que a obra de literatura, com sua trama e linguagem, pode guarda relações de semelhança com a linguagem textual da Internet, seu não-lugar, e a busca por uma identidade individual e coletiva no fluxo de informação da Web.

Palavras-chave: Desterritorialização do Texto; Hipertexto; Ciberespaço; José Saramago; Ensaio sobre a Cegueira

Abstract

The novel *Blindness* (1995), by José Saramago suggests the deconstruction of a modern and nowadays city, caused by an epidemic blindness that almost reaches the whole population. With such a plot dispossessed of references which could lead readers and critics to time, likewise the blue print, the book has a writing style which melts different voices into one single narrator, thus the fiction can be considered a metaphor standing for concepts inherent to cyberspace collective and interactive communication, that may also present polyphonic and atemporal features. Our article aims the highlighting of similarity relations between the plot and writing style in *Blindness*; how communication in Internet is operated, represented by those texts configured as hypertexts or by any other which symbolizes an effort for communication establishment, besides the construction of individual and collective identities involved in that process. Our methodology is based on a comparative analysis between the literary work and communication concepts in cyberspace formulated by Pierre Lévy, e.g. universalization in writing procedure, the text deterritorialization and the reading/writing development of hypertext. The results obtained reaffirm the initial idea that the literary work, composed by the plot and writing style may keep relations of similarity with the Internet text language, its non-place and the search for an individual and collective identity through the enormous stream of information produced day by day in the World Wide Web.

Key-words: Text deterritorialization; Hypertext; Cyberspace; José Saramago; Blindness.

Resumen

La novela “Ensayo sobre la ceguera” (1995), de José Saramago, propone la desconstrucción de una ciudad urbana y moderna a partir de una epidemia de ceguera casi colectiva. Con una trama sin referencias de tiempo y espacio y un lenguaje que mezcla diferentes voces a las de un narrador, la obra puede ser una metáfora de conceptos de la comunicación interactiva y colectiva del ciberespacio, los cuales también pueden presentar las características de atemporalidad y polifonía.

Este trabajo pretende señalar relaciones de semejanza entre el enredo y el lenguaje de la obra “Ensayo sobre la ceguera” y la comunicación de la Internet, representada por los textos configurados en hipertexto o por cualquier texto que represente un esfuerzo de comunicación y por la construcción de una identidad individual y colectiva implicada en este proceso. La metodología empleada es el análisis comparativo entre la obra literaria y los conceptos de comunicación en el ciberespacio de Piérre Levy, como por ejemplo la universalización de la escritura, la desterritorialización del texto y el proceso de lectura/escritura de hipertexto. Los resultados de este trabajo reafirman la idea inicial de que la mencionada obra de literatura, con su trama y lenguaje, puede guardar relaciones de semejanza con el lenguaje textual de la Internet, su “no-lugar” y la búsqueda por una identidad individual y colectiva en el fujo de información de la Web.

Palabras clave: Desterritorialización del Texto; Hipertexto; Ciberespacio; José Saramago; Ensayo sobre la ceguera

A obra “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago, é um romance que apresenta quase que total falta de referência espacial e temporal. Na obra, uma cidade urbana e moderna é atacada por um surto de cegueira inexplicável. Os primeiros que cegam ou que são suspeitos de uma iminente cegueira são excluídos da sociedade e mantidos presos pelo governo em um abandonado hospital psiquiátrico. Ali recebem do exército comida, uma série de ordens que devem ser cumpridas e um precário atendimento de suas outras necessidades, de forma que a situação passe da exclusão social ao abandono e crueldade. Isso porque, com o passar do tempo, mais pessoas são conduzidas a este local. Com a superlotação e cegueira coletiva, com exceção da esposa de um oftalmologista que se finge de cega, um ambiente de disputas por comida, chantagem e roubo é instaurado. A situação chega ao completo caos e selvageria, quando as mulheres sofrem abuso sexual pelos cegos da ala rival. No final, quando muitos cegos conseguem sair do hospital por conta de um incêndio, provocado por uma das mulheres agredidas, o grupo liderado pela mulher do médico resolve manter-se unido na aventura de voltar para casa. Então eles percebem que a cidade está em um estado de completo abandono: a misteriosa epidemia afetou quase todos os habitantes, falta o poder público para organizar e controlar a vida social que foi interrompida, ninguém trabalha, muitos abandonaram suas casas ou negócios. Nas ruas, lixo acumulado e uma total falta de comunicação entre as pessoas, que se comportam como bichos atrás de comida e que precisam resgatar seus valores, para reconstruírem suas identidades e a vida em sociedade.

É interessante observar que essa cidade não possui qualquer marca cultural ou geográfica explícita, que lhe caracterize como parte de uma nação –, e para isso não estamos considerando a origem do autor, nem sua língua, que foi mantida na edição brasileira aqui adotada, pois a obra poderia estar traduzida para outra língua e inserida

numa outra cultura. O tempo histórico também não é mencionado, só encontramos indícios de um ambiente urbano moderno, onde há intenso tráfego:

(...) mas o sinal de caminho livre para os carros vai tardar ainda alguns segundos, há quem sustente que esta demora, aparentemente tão insignificante, se a multiplicarmos pelos milhares de semáforos existentes na cidade e pelas mudanças sucessivas das três cores de cada um, é uma das causas mais consideráveis dos engorgitamentos da circulação automóvel (...) (SARAMAGO, 1995, p. 11).

Também há apartamentos, lojas e excesso de lixo, o que pressupõe também excesso de gente e consumo.

O caminho que tomaram leva ao centro da cidade, (...) As ruas estão desertas, por ser ainda cedo, ou por causa da chuva, que cai cada vez mais forte. Há lixo por toda a parte, algumas lojas têm as portas abertas, mas a maioria delas está fechada (...) (SARAMAGO, 1995, p. 214)

Diante deste não-lugar espacial e temporal, acreditamos que no romance de Saramago há certa marca de desterritorialização e universalização do texto, ou seja, a história que o texto nos conta não fica presa a determinações contextuais, ela pode remeter-nos a qualquer cidade urbana que pertença a qualquer época contemporânea. Além disso, a obra também ganha a característica do universal, na medida em que reduz as individualidades a uma condição humana: as personagens aparecem sem nome, passam a compartilhar de uma mesma situação de cegueira e confinamento e precisam refazer suas identidades e mundo exterior com aquilo que existe de mais humano dentro delas, a memória, o conhecimento e os sentidos. Na verdade, a cegueira nos parece uma grande metáfora do homem moderno que está em crise, que não mais vê nem repara, apenas vive

preocupado com suas necessidades e prazeres imediatos e precisa reconstruir seus valores e pensamento.

Segundo Pierre Lévy (1993, 1999), a universalização da escrita ocorre, quando a mensagem deixa de limitar-se ao tempo e ao espaço da oralidade, para poder ser interpretada pelo receptor. Esse fenômeno acarretou um esforço de recepção das mensagens, através do surgimento das várias técnicas de interpretação de textos, de tradução, da elaboração de dicionários, glossários e gramáticas. Ao mesmo tempo, também acarretou um esforço de emissão, que tornou a escrita mais teórica para se fazer entender por si mesma, em suma, com pretensões à universalidade.

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que encontravam-se a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais. A partir daí, os atores da comunicação não dividiam mais necessariamente a mesma situação, não estavam mais em interação direta (LÉVY, 1999, p. 114).

Esta desterritorialização do texto de Saramago em “Ensaio sobre a cegueira” também estabelece uma relação de proximidade com a desterritorialização do texto na Internet, proposta por Pierre Lévy (1996), mesmo com todas as diferenças de um suporte de edição impresso para um digital e em rede. A Web apresenta uma infinidade de textos que não possuem referência de autoria, tempo e espaço e nem por isso deixam de ser lidos ou relacionados a outros textos, através de links, da cópia ou da simples navegação. Esta ausência de identificação faz com que antigos textos se misturem a novos, original e cópia se confundam, de forma que o valor da informação que veiculam seja o fator principal de sua aceitação e uso na Internet. A unidade textual se dilui cada vez mais, porque muitos destes textos estão associados a outros, configurando um único texto, o

“hipertexto”, uma espécie de matriz de textos potenciais, estruturados em rede e em permanente construção:

Milhões de pessoas e de instituições no mundo trabalham na construção e na disposição do imenso hipertexto da World Wide Web. (...) No ciberespaço, como qualquer ponto é diretamente acessável a partir de qualquer outro, será cada vez maior a tendência a substituir as cópias dos documentos por ligações hipertextuais: no limite, basta que o texto exista fisicamente uma única vez na memória de um computador conectado à rede para que ele faça parte, graças a um conjunto de vínculos, de milhares ou mesmo de milhões de percursos ou de estruturas semânticas diferentes. A partir das home pages e dos hiperdocumentos on line, podemos seguir os fios de diversos universos subjetivos (LÉVY, 1996, p. 48).

Essa concepção de hipertexto de Pierre Lévy não exclui sons nem imagens, visto que esse texto estruturado em rede seria constituído de nós (páginas, parágrafos, imagens, músicas, etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, links que conduzem de um nó a outro). Desta forma, uma variedade de informações multimodais está disponível na Web, para desencadear novos processos de leitura e escrita na navegação. Nas palavras de Pierre Lévy:

O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. (...) Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra do parágrafo (...) (LÉVY, 1993, p. 41).

Assim, a Internet desterritorializa muitos textos, quando possibilita a livre associação de um texto a outro através de

links, independente do tipo de relação semântica que se quer estabelecer entre eles ou das suas origens; quando não impõe a referência bibliográfica a todos os textos como pré-requisito de sua inserção no universo on line. Segundo Pierre Lévy (1996), os dispositivos hipertextuais na Internet fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, não individualizáveis.

Outro aspecto importante do romance de Saramago é sua linguagem livre, polifônica. O autor usa do discurso indireto livre e cria uma tecitura de vozes, que vão desde a sua até a das sete personagens principais, todas misturadas num fluxo contínuo de discursos.

Está morta, repetiu, Como foi, perguntou o médico, mas a mulher não lhe respondeu, a pergunta dele poderia ser apenas o que parecia significar, Como foi que ela morreu, mas também poderia ser Que vos fizeram lá (...) (SARAMAGO, 1995, p. 179).

Nesse sentido, vários pontos de vista sobre a situação de cegueira e caos social são apresentados por um narrador que pode ser considerado um alter ego do autor. Ele revela pensamentos e sentimentos dos indivíduos que cegaram e estão confinados, posiciona-se com ironia diante dos acontecimentos e coloca sua atenção na personagem feminina que não cega, a mulher do médico, projetando-a como heroína dessa odisséia de atos bárbaros: “Sentada, lúcida, a mulher do médico olhava as camas, os vultos sombrios (...) Perguntava-se se alguma vez chegaria a cegar como eles, que razões inexplicáveis a teriam preservado até agora” (SARAMAGO, 1995, p. 97)

De vez em quando, evoca um narratário identificado com a figura de um leitor virtual, incitando-o a crítica.

Quanto a nós, permitir-nos-emos pensar que se o cego tivesse aceitado o segundo oferecimento do afinal falso

samaritano, naquele derradeiro instante em que a bondade ainda poderia ter prevalecido (...) quem sabe se o efeito da responsabilidade moral resultante da confiança assim outorgada não teria inibido a tentação criminosa (...) (SARAMAGO, 1995, p. 25-26).

Esta mesma linguagem livre e carregada de vozes aparece na Internet, que está constantemente aberta para a exploração de navegadores, os quais, em diferentes línguas, lêem, editam e escrevem textos ou comunicam-se em tempo real com pessoas que estão distantes. Como exemplo, podemos citar vários suportes digitais em rede que possibilitam a livre expressão: home pages, comunidades no Orkut, correios eletrônicos, hiperdocumentos compartilhados, como a enciclopédia Wikipedia, conferências eletrônicas, como os grupos de discussão do Yahoo. Portanto, o ciberespaço configurado pela Internet, que de acordo com Pierre Lévy (1999, p. 92) se define como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, permite ao Homem expor sua vida, sua visão de mundo, seu conhecimento, na tentativa de construir uma identidade individual e coletiva.

“Ensaio sobre a cegueira” também pode ser uma grande metáfora da comunicação hipertextual, coletiva e desterritorializada do ciberespaço, porque ambos sugerem uma reconstrução do Homem pela aprendizagem, num movimento transformador de dentro para fora. Como as personagens perdem sua identidade social (não têm nome e assistem a falência da sociedade) e grande parte delas fica limitada biologicamente por uma cegueira, precisam refazer seu mundo interior e exterior através da aprendizagem, partindo de suas lembranças do passado, conhecimento e percepções com o tato, o olfato e a audição.

Ouviu-as entrar, sabia de onde vinham, o que tinham estado a fazer, como haviam estado nuas, e se sabia tanto não era porque de repente lhe tivesse voltado a visão e ido, pé ante pé, como os outros velhos, espreitar não uma susana no banho, mas três, cego estivera, cego continuava, apenas assomara à porta da cozinha e de lá ouvira o que elas diziam na varanda, os risos, o ruído da chuva e das chapadas de água, respirara o cheiro do sabão (...)
(SARAMAGO, 1995, p. 268).

A memória associada a essa percepção assume a função da visão que fora tirada dos cegos, já que permite o reconhecimento do ambiente familiar e particular de cada indivíduo, quando o clima é de invasão da propriedade privada e de saques por comida.

A memória da rapariga dos óculos escuros tinha-a levado pelo interior da casa, como a velha do andar de baixo também não tropeçou nem duvidou, a cama dos pais estava por fazer, deviam tê-los vindo buscar de madrugada (...)
(SARAMAGO, 1995, p. 238).

Na realidade, a memória parece ser a principal condição de renovação do homem, pois representa o ponto de partida para a transformação dos sentimentos – os quais foram até ali tão influenciados pelos olhos –, para que então estes façam surgir uma sociedade menos afetada pela ilusão das aparências: “(...) o que está a nascer são os autênticos sentimentos dos cegos, e ainda vamos no princípio, por enquanto ainda vivemos da memória do que sentíamos (...)
(SARAMAGO, 1995, p. 242).

Outro aspecto desta aprendizagem na obra se dá pelo conhecimento, que permite novas formas de organização social e trabalho, como por exemplo, o acordo entre dois cegos para resolver o problema da invasão de moradias e a solução encontrada por um, para relatar suas mais novas memórias com o uso de uma esferográfica.

A comunicação textual da Internet, na forma do processo de escrita/leitura de hipertexto, propõe uma aprendizagem semelhante a dos cegos no romance. No contato com os vários textos em rede, as cores, as imagens, as palavras, o som, tudo se associa para significar, cabendo ao navegador ativar seus conhecimentos e memória para atribuir sentido às mensagens. Às vezes, com um movimento do mouse, como cegos tateando o espaço, estabelecemos intuitivamente relações de um texto com outro, e sem querer escrevemos mentalmente novos textos com nossos percursos de leitura. Segundo Pierre Lévy (1996, p. 49-50),

Se definirmos um hipertexto como um espaço de percursos de leitura possíveis, um texto apresenta-se como uma leitura particular de um hipertexto. O navegador participa assim da redação ou pelo menos da edição do texto que ele “lê”, uma vez que determina sua organização final (...)

Também nos podemos fazer mais autores no contato com o hipertexto da Internet se, ao invés de seguirmos um percurso de leitura pré-determinado, participarmos da estruturação da sua rede de textos, adicionando informações, conectando nosso texto a outro, configurando-o a partir de outros já existentes. Ou seja, como agentes construtores do ciberespaço, que possibilitam a abertura de mais janelas e portas para uma biblioteca virtual de textos que parece infinita, a fim de que possam ser relacionáveis e acessíveis a uma comunidade de leitores. O resultado disso é uma multiplicação das ocasiões de produção de sentido e uma mudança de paradigma em torno do próprio conceito de leitura, que se tornou um ato de escrita (LÉVY, 1996).

Acreditamos que por trás desta navegação na rede textual do ciberespaço se esconde a busca por uma identidade individual e coletiva de cada indivíduo, seja consciente ou não, em esferas particulares ou sociais. Sendo assim, somos também cegos que buscam a construção de si, de suas inteligências e subjetividades.

Não é mais o sentido do texto que nos ocupa, mas a direção e a elaboração de nosso pensamento, a precisão de nossa imagem do mundo, a culminação de nossos projetos, o despertar de nossos prazeres, o fio de nossos sonhos (LÉVY, 1996, 36).

Neste processo, abandonamos nosso mundo real para através de uma realidade virtual nos alimentarmos de informações, reorganizarmos nossos conceitos e representações mentais, enfim, atualizarmos nosso SER, nosso mundo – em velocidades e formas ainda pouco exploradas, mas certamente ricas de significados.

Referências:

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informação. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. Coleção Trans.

_____. O que é o virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ⁱ Texto apresentado no Seminário “Saramago: do convento à arena midiática”/VI Seminário de História da Mídia. Marília: Universidade de Marília, 23 ago 2007.

ⁱⁱ Bacharel em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e graduanda do Curso de Letras, Licenciatura em Inglês-Português, da Universidade de Marília. Email: jupadilha@terra.com.br